

MODOS DE NARRAR A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA REVISTA VEJA¹

BÁRBARA HEES GARRÉ¹; LORENA SANTOS DA SILVA²; PAULA CORRÊA HENNING³

¹Universidade Federal do Rio Grande/FURG1 – barbaragarre@gmail.com 1

²Universidade Federal do Rio Grande/FURG – lory.lorenasantos@gmail.com 2

³Universidade Federal do Rio Grande/FURG – paula.c.henning@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado refere-se a uma Tese que tem como propósito analisar o modo pelo qual a mídia brasileira, em especial a revista *Veja*, vem discutindo sobre a problemática ambiental da atualidade. Comumente a mídia enuncia de forma catastrófica e terrorista, o quanto estamos em eminência de uma hecatombe ecológica e que, muito, provavelmente, o fim da vida no Planeta se aproxima. Entendemos que a revista *Veja* é um importante artefato cultural, que subjetiva sujeitos, constitui suas vidas e, especialmente, produz modos de ser e de se comportar frente à problemática ambiental. Aqui em especial, tal mídia opera uma determinada forma de ver e falar sobre temática ambiental.

Aqui trabalhamos com o conceito de Educação Ambiental, mídia e cultura a partir dos Estudos Culturais, na correnteza de autores como Maria Lúcia Wortmann, Leandro Belinaso Guimarães, Eunice Kindel, Marise Amaral, entre outros. Nesse sentido vale destacar que:

[...] os Estudos Culturais ocupam-se analiticamente com a cultura vislumbrando-a como um campo de lutas em torno do significado, buscando indicar, nas variadas situações por esses focalizadas, quais grupos, instituições, processos e práticas conseguem fazer circular, preponderantemente, determinados significados e, desse modo, atuar na sua produção discursivamente (WORTMANN, 2010, p. 17).

Desse modo, olhar a forma pela qual aprendemos o que é a natureza, o meio ambiente e o próprio campo ambiental está atrelado a circulação de tais concepções na e pela cultura. Nossa cultura foi nos ensinando a ver e a dizer de determinadas maneiras as questões relativas ao ambiental e ao natural. Importante salientar que essa cultura não está dada, muito pelo contrário! A cultura é construída e modificada através de nossas intervenções, de nossas lutas e batalhas por determinados significados.

2. METODOLOGIA

A pesquisa opera com algumas ferramentas da Análise do Discurso de Michel Foucault (2002), tais como: dispositivo, discurso, enunciado, enunciação, relações de poder, saber e verdade. Nesse trabalho problematizamos tanto o enunciável quanto o visível. Estamos preocupadas em analisar o discurso em sua exterioridade.

Selecionamos como *corpus* empírico da pesquisa as reportagens de capa da revista *Veja* no período compreendido entre o ano de 2001 até 2012. A escolha do recorte se deu justamente porque neste período percebe-se que a questão ambiental insere-se numa correnteza discursiva de medo e periculosidade quanto ao futuro do Planeta.

¹ A pesquisa conta com apoio financeiro do Projeto Observatório da Educação – CAPES/INEP

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises realizadas nos possibilitam dar visibilidade a forma como a mídia interpela os sujeitos a agirem de maneira “consciente”, preservando a natureza e seus recursos. Recorrentemente as questões ambientais apresentadas pela mídia instauram o visível e o enunciável, seja pelas imagens assustadoras apresentadas, seja pelas afirmações apelativas que colocam em risco a vida do planeta. Assim, a mídia vai nos convidando a ver e a falar sobre a problemática ambiental, nas imagens de capa da revista *Veja*, por exemplo, somos interpelados por imagens emblemáticas e terroristas que colocam em dúvida a continuidade de vida na terra.

Entendemos que os discursos midiáticos colocados em circulação legitimam verdades que se reverberam como opinião pública – e esses jogos de verdade acabam por engendrar e produzir modos de vida. Vimos que a questão ambiental constitui-se como um desses discursos legitimados pela mídia e que operam no nível do coletivo para atingir o indivíduo em suas ações diárias. A mídia vai ensinando as formas corretas de agir e se comportar frente à problemática ambiental, como podemos visualizar nos excertos abaixo:

A mídia ensina e constitui formas de ser e viver através de uma Pedagogia. Ela dita o que fazer e como fazer e assim vai direcionando e conduzindo a vida de cada um. Olhamos para as enunciações midiáticas e colocamo-nos a pensar sobre a fabricação de verdades no campo da Educação Ambiental. Olhamos para este campo de saber como estratégia de controle da vida social, tão bem difundidas pelos meios de comunicação, aqui especialmente a revista *Veja*. Articulamos tal estratégia ao que Foucault conceituou de biopoder (2005; 2008a; 2008b), um poder sobre a vida, agindo com técnicas de prevenção e seguridade pelo bem-estar da massa de indivíduos. O biopoder tem como alvo a população, mas para isso precisa capturar individualmente cada sujeito, para que juntos ajam em prol do planeta. Todos e cada um fazem parte desse jogo.

Assim, os discursos proliferados na mídia acerca das problemáticas ambientais e da recorrente preocupação com o fim do planeta nos levam a pensar que tais ditos não se dirigem apenas para um sujeito, mas para o coletivo que deve, junto, se mobilizar para que ações individuais repercutam na transformação do meio ambiente e contribuam para a “Salvar a Terra” (*Veja*, reportagem de capa, outubro de 2007). Percebemos então uma forte articulação com o biopoder – um poder sobre a vida – uma tecnologia de poder que estaria relacionada e endereçada a população.

4. CONCLUSÕES

Nosso texto caminha na direção de pensar para além de ações ecologicamente corretas. Não queremos, com isso, dizer que não devemos agir pensando no futuro. Talvez pensar nessas ações seja fundamental para a existência da vida na Terra. No entanto, queremos pensar para além disso – isso já tem farta exposição na mídia! Qual força e produtividade – e não negatividade como estamos acostumados a pensar – têm os discursos midiáticos que nos conduzem a ações e pensamentos diante do cenário contemporâneo? Indo além, talvez Foucault nos ajude a entender esse mecanismo de poder, tão evidente na mídia brasileira, como uma ferramenta que produz coisas, forma sujeitos, constitui o espaço-tempo atual.

Diante disso, gostaríamos que nosso texto pudesse provocar novas discussões no campo da Educação Ambiental, entendendo-a como um importante instrumento para o gerenciamento da sociedade atual. Talvez ele pudesse tornar-se uma possibilidade de resistência e criação, ao olhar a Educação Ambiental para além de um discurso naturalista, ecológico ou de preservação do planeta. Talvez pudéssemos pensar na criação de uma ecosofia (GUATTARI, 1990), promovendo espaços de resistência, produzindo estratégias de poder que possibilitam a subversão e a produção de espaços éticos e políticos para o campo da Educação Ambiental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. *Em defesa da Sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Segurança, Território, População*: curso no Collège de France (1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- _____. *Nascimento da Biopolítica*: curso no Collège de France (1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- WORTMANN, M.L. A Educação Ambiental em perspectivas culturalistas. In.: CALLONI, H. e SILVA, P.R.G.C. (org). *Contribuições à Educação Ambiental*. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2010. p. 13-37.